

ESTADO



Antes de entrar na análise dos impactos das medidas em si, é inadiável denunciar as mentiras explícitas que foram “vendidas” à sociedade brasileira para justificar os descabros que, em última instância, irão produzir desesperança e mortes.

Plano Mais Brasil: Paulo Guedes mente

Na data em que completou trezentos dias no comando do país, o capitão e seu superministro da Economia foram ao Congresso Nacional para protocolar um pacote de reformas econômicas que deve produzir danos profundos e irreparáveis à vida daquela enorme maioria de famílias brasileiras que está na base da pirâmide e que, ao menos em alguma medida, contavam até outro dia com o apoio das políticas públicas arquitetadas a duras penas pela Constituição Federal de 1988.

Para início de conversa, antes de entrar na análise dos impactos das medidas em si, é inadiável denunciar as mentiras explícitas que foram “vendidas” à sociedade brasileira para justificar os descabros que, em última instância, lá no Cariri da Paraíba, no Jardim Ângela ou no centro de São Paulo, irão produzir apagões nos hospitais, nas escolas e nos sistemas de transportes e que culminarão com desesperança e mortes.

Guedes mentiu e tem mentido sistematicamente, seja falsificando os números da Previdência para angariar apoio à sua reforma, seja superestimando o estrangulamento das contas federais para esticar os contingenciamentos, seja agora para dar esse tiro de cartucheira na cara dos brasileiros. Neste

caso, no próprio powerpoint que distribuiu à imprensa apresentando o seu “Plano Mais Brasil” foram diversas e bastante graves as falsificações estrategicamente organizadas pelo time de Guedes para ludibriar a sociedade brasileira.

Mentira 1 – A marosca dos gráficos: depois de meter o terror alardeando um suposto “descontrole das contas públicas”, na página oito do documento é apresentada uma ilustração informando que de cada cem reais arrecadados pelo governo, 93 reais estariam comprometidos com “despesas obrigatórias” e que, portanto, só restariam sete reais para as denominadas “despesas discricionárias”. Logo em seguida, na página dez, um outro gráfico induz a audiência a acreditar que por conta daquela rigidez das despesas, estaríamos caminhando para um colapso dos investimentos públicos, motivo pelo qual seria necessário acabar com as leis que estabelecem destinação obrigatória para uma grande parte das despesas governamentais. Só que não.

Como qualquer leitor poderá observar, na página 34 do insinuante powerpoint do Paulo Guedes, ficamos sabendo que em 2018 foram gastos 379 bilhões de reais com juros da dívida pública, o que corresponde a 11% do total das despesas do setor

público brasileiro naquele ano (essa última informação não está lá, claro). Ora, e de onde teria saído esse caminhão de bilhões que carrega quase a metade do que dizem será arrecadado em dez anos de sacrifício imposto pela reforma da Previdência?

Pois é, o macete utilizado pelo Guedes foi excluir essa vultosa grana daquela imagem alarmante da página dez, na qual por razões evidentes não apresentava os números em “bilhões de reais”, mas sim como partes de um fajuto bolo de cem reais que, fosse representativo das contas públicas, deveria ter apenas 89 pedaços, uma vez que os tais onze despendidos com o pagamento de juros (379 bi de reais), de tão obrigatórios e rígidos, nem entraram na conta do precavido ministro.

Mentira 2 – Uma prenda para estados e municípios: no roteiro estrategicamente trilhado no powerpoint, depois do falso diagnóstico, elencam-se supostas soluções. Umas pouco críveis, outras deletérias e algumas simplesmente falaciosas. Dentre as últimas, vale destacar a sorradeira montagem visual que está apresentada na página 37. Sob o revigorante título “Mais investimento, menos dívida” uma imagem com notas de dinheiro em uma mão generosa é acompanhada da mensagem “quatrocentos bilhões de reais para estados e municípios (em 15 anos)”. Forte, não? Mas, logo abaixo, ainda na mesma página, o leitor depara com a conta de padaria do ministro: cinquenta bilhões de reais virão em dez anos com o chamado Plano Emergencial (ou seja, emergências estão no horizonte!) e outros 220 bilhões de reais virão da redução da taxa de juros que resultará da quitação de parte da dívida pública utilizando recursos que hoje estão alocados nos fundos setoriais para atender necessidades governamentais específicas (ciência e tecnologia, qualificação profissional, etc). Cinquenta com 220 não dá quatrocentos, mas é que na ânsia de bravateiro que lhe é característica, o ministro apresenta

as partes projetando dez anos e anuncia a meta final considerando um prazo de quinze anos.

Medidas causarão desesperança e mortes

Além disso, o mais curioso nessa segunda grande lorota é que na prática aqueles 220 bilhões de reais jamais chegarão aos cofres dos entes subnacionais. Na real, a mensagem do ministro é a seguinte: com os juros mais baixos, governadores e prefeitos gastarão menos do que gastariam se os juros permanecessem elevados. Isto posto, decorrem algumas considerações: em primeiro lugar, é o caso de perguntar em qual tábua sagrada está escrito que o tamanho da dívida pública em relação ao PIB é o fator determinante da taxa de juros de um país? As dívidas do Japão, dos Estados Unidos, da Espanha e de muitos outros países são proporcionalmente maiores do que a brasileira e a despeito disso suas taxas de juros são sistematicamente mais baixas – aliás, a esse respeito, o que o Paulo Guedes esconde é que a ortodoxia econômica para a qual ele diz acender vela está recebendo uma enxurrada de críticas de seus mais laureados representantes por acreditar e praticar um padrão de política monetária que vem se mostrando ineficaz há já bastante tempo e cuja principal consequência tem sido esfoliar excessivamente as contas públicas; em segundo e último lugar, a estratégia de Guedes remete àquela carcomida anedota que conta a história de um sujeito que, depois de perder o ônibus, saiu correndo em seu encalço até que chegou em casa, contando então ao filho a façanha que lhe permitiu economizar o valor da passagem e ouviu como resposta que deveria ter corrido atrás do táxi. No chiste do Guedes, entretanto, não há graça nem humor. Apenas um arrazoado de mentiras e oportunismo que, provavelmente, representam o maior ataque aos interesses da nação já praticado por um cidadão nativo.